

## O que nos assusta muito mais do que esta moratória

Se fosse possível abstrairmos a insana conjuntura política interna deste país infeliz, a "moratória técnica" do Brasil que o embaixador Marcílio Marques Moreira comunicou ontem aos bancos credores e ao governo norte-americano não seria, em si mesma, motivo para alarme. Conforme mostramos em nosso editorial de ontem — que redigimos antes de saber da confirmação da moratória que prevíamos —, nossos credores estão ainda mais interessados que nós mesmos em encontrar uma solução para o impasse e os organismos financeiros internacionais dispõem de todos os instrumentos para resolver casos como este sem excessivo dispêndio de suor, de lágrimas ou, muito menos, de sangue, ao contrário do que querem fazer crer os demagogos de sempre. De maneira profissional, serena e responsável com que o governo encaminhou os primeiros passos do seu pedido de "moratória técnica" e, mais que isso, o homem que encarregou de negociá-la nos EUA, reforçam os motivos para que nos tranquilizemos. O problema, contudo, é que este comportamento maduro e civilizado continua destoando completamente do modo como este mesmo governo insiste em vender este "peixe" aqui dentro.

O que nos assusta é assistir, em vez do esperado encolhimento da arrogância, da empáfia e da prepotência desta "Nova" República peemedebista diante deste fato que confirma inelutavelmente o total e absoluto fracasso da sua política econômica, ao inacreditável redobrar dessas mesmas arrogância, empáfia e prepotência montados nas quais ela nos levou ao mais completo e agora humilhante fiasco de nossa história econômica!

No mesmo dia em que, premido pelos fatos criados por sua total incapacidade de compreender a realidade da economia moderna, o presidente Sarney manda oficializar para o mundo o fracasso arrasador de sua política econômica, ele nos faz saber por seu antigo porta-voz, Fernando César Mesquita, e por deputados do PFL, que recebeu em audiência, que continua achando que "há muita incompreensão por parte de determinados setores da vida nacional (como sempre, os empresários 'gananciosos') diante das dificuldades econômicas e do comportamento do governo a respeito delas".

De fato, já não é simples "incompreensão" que a atitude empedernidamente alienada deste governo frente à extensão e à profundidade da crise que ele mesmo está criando, provoca nos brasileiros lúcidos. É revolta e exasperação mesmo!

No mesmo dia em que se consuma perante o mundo o enterro formal e definitivo da sua política econômica, o presidente Sarney, notável por insistir em navegar contra o sentido da História que está empurrando até mesmo o sumo pontífice do socialismo, Mikhail Gorbachov, a reconhecer publicamente a completa incompatibilidade entre os esquemas socialistas e o progresso econômico e a absoluta inescapabilidade dos mecanismos de mercado, coisa que sua excelência insiste em tentar contradizer pela simples expressão de sua vontade tornada decreto-lei, neste mesmo dia, dizíamos, o presidente José Sarney nos diz que "quem governa deve ter presente o sentido da História", e que está certo de que "ela me fará justiça por seguir os caminhos que venho seguindo, especialmente a opção tomada pelo social e a preocupação pelos pobres", eufemismo que ele usa para descrever a manipulação política de nossa economia, que deu os resultados a que estamos assistindo. Insiste em afirmar o sr. Sarney, no momento em que os sinos de finados repicam, agora também no Exterior, pelo falecidíssimo Plano Cruzado, que "ele teve grandes méritos" como o de acrescentar 30 milhões de antigos marginalizados ao mercado consumidor brasileiro (ao que retrucariamos: "Fotografou? Não? Então dançou..."), e que, apesar dos percalços que "obstacularam (sic) o desenvolvimento da estratégia inicial" (ele se refere à implosão do plano que decorreu da sua manipulação eleitoral pelo PMDB, da qual foi, pelo menos, cúmplice) "ela continua válida e deve ser reconhecida pelo seu aspecto positivo". "Por isso mesmo o Plano Cruzado não vai acabar. Faria tudo de novo se a situação se repetisse", disse o presidente!!! E é porque sabemos que desta vez está falando a verdade que multiplicamos nossas exclamações após o dito...

Não aprendeu nada o primeiro presidente da "Nova" República com a amarga experiência que acaba de passar. Sob os escombros deixados no parque produtivo brasileiro pela fúria intervencionista dos discípulos de dona Conceição, ele persevera: "O papel do Estado é essencial não apenas para corrigir desníveis sociais e amparar a parte menos favorecida. Torna-se imprescindível (grifo nosso) também para ordenar (!?) e dar as diretrizes gerais do desenvolvimento nacional".

E como a provar que sua excelência não fala só por falar, os jornais anunciavam, ao lado das notícias da nossa falência internacional, que a impávida Sunab continua providenciando o "ordenamento do desenvolvimento nacional", estipulando "o preço justo" para "os repelentes de mosquitos em espiral, os aparelhos de barbear descartáveis, o óleo de soja em lata, o bacalhau, a margarina, os extratos de tomate"...

Mas se o presidente fosse o único a estar fora da realidade neste País, ainda estaríamos com sorte. Muito perto de onde ele dava as últimas provas, da sua alienação, o grande artífice de nossa anarquia econômica, sr. Dilson Funaro — que se estivesse em um país politicamente desenvolvido já teria deixado o ministério — dava-se, também, ares de arrogância, criticando "o passado". "Não decretaremos a centralização cambial", dizia ele temerariamente como sempre, "porque o Brasil trabalha com reservas suficientes e não precisará aplicar nenhuma medida como no passado". O sr. Funaro, ao comparar o seu fracasso com o fracasso de governos anteriores, omite o fato simples que faz toda a diferença. Em 82, quando o Brasil se declarou inadimplente e precisou recorrer ao pronto-socorro financeiro internacional do FMI, o mundo assistia ao desfecho da mais violenta crise econômica por que já passou, da qual a crise iniciada com o choque do petróleo. Naquele momento, chegavam ao seu auge histórico, os preços do petróleo importado, do qual dependíamos em muito maior medida do que dependemos hoje, e as taxas dos juros internacionais andavam pela estratosfera. É exatamente o contrário do que acontece no caso presente. O sr. Funaro assumiu o comando da política econômica da "Nova" República sob uma conjuntura internacional nunca antes tão favorável, com os preços do petróleo em seu limite histórico de baixa, e com as taxas de juros em níveis sensivelmente mais baixos do que em 82. Nossa dependência em relação ao petróleo importado tinha sido drasticamente reduzida, e nossa balança comercial nunca antes atingiu superávits tão grandes.

Mas, novamente, se fossem somente o presidente e o seu ministro que estivessem alheios à realidade neste país estaríamos com sorte. Não são. O fenômeno é muito mais vasto e perigoso. Enquanto apresentamos ao mundo o recibo do fracasso do Plano Cruzado os nossos "representantes", os deputados e senadores deste pobre país continuam às voltas com seus pequenos problemas pessoais. Não estão procurando quem pague por todo este fiasco e nem meios de nos tirar do buraco. Ao contrário, os nossos congressistas estão preocupados em reforçar e em institucionalizar a filosofia intervencionista com que eles nos levaram à bancarrota internacional. Do alto das suas três presidências, o "père de la patrie", sr. Ulysses Guimarães, proclama: "O crescimento brasileiro (?) é inegociável"... E enquanto isso, os seus protegidos articulam na Assembléia Constituinte o lobby da política de reserva de mercado para a informática,

o maior dos baluartes contra a internacionalização da economia brasileira e contra a entrada das imprescindíveis tecnologia e capitais estrangeiros neste país, sob o aplauso entusiástico da horda "progressista" que infesta os salões da Constituinte e que reage pavlovianamente a qualquer menção contra as multinacionais.

Ninguém se levanta, por exemplo, contra a única "multinacional" que pelo seu trágico currículo se tem mostrado terrivelmente pernicioso, onde quer que tenha agido. Falamos de dona Maria da Conceição Tavares, "o cérebro" por trás da política (anti) econômica do PMDB. Esta senhora "matou" o presidente Allende, do Chile, implodindo a economia daquele país exatamente como está fazendo com a nossa; "enterrou" o governo militar socialista do Peru, exatamente da mesma maneira, e nem sequer pode entrar em sua terra natal, Portugal, por ser conhecida (e temida) demais lá.

Mas aqui, neste deserto de inteligências, esta senhora encontrou no sr. Ulysses Guimarães a chave (ou o pé-de-cabra) com que abriu os ouvidos ingênuos do presidente maranhense. E sob a sua histórica batuta que vamos caminhando para o desastre. O atual impasse cambial é apenas o menor dos degraus de tudo que ainda vamos descer se lhe permitirem continuar exercendo aqui o terrorismo econômico com que destruiu as economias chilena e peruana.

É isto que nos aterroriza.